

PSICANÁLISE E MATRIZES DO PENSAMENTO: HISTÓRIA E EPISTEMOLOGIA

Luiz Henrique Costa de Figueiredo¹

Paulo Germano²

RESUMO

A psicanálise é uma ciência que surge em berço privilegiado, banhado de conhecimentos emergentes e convergência de culturas e formas de pensamento. Com o intuito de conhecer os aspectos históricos e epistemológicos do surgimento da psicanálise, foi realizada a busca bibliográfica de estudos sobre o assunto, relacionando com a ideia de Matrizes do pensamento, defendida por Luis Claudio Figueiredo. Encontramos nesta teoria um campo que caminha entre diversas tendências, representando a multiplicidade do pensamento contemporâneo, alinhando em seu arsenal teórico diversas tendências epistemológicas.

Palavras-chave: Psicanálise, História da psicanálise, Matriz ideológica, História e epistemologia da psicologia.

¹ Aluno do curso de psicologia do Centro Universitário 7 de Setembro. Contato: lhcf.figueiredo@gmail.com

² Professor doutor e coordenador do curso de psicologia do Centro Universitário 7 de Setembro. Contato: paulogermano@uni7setembro.edu.br

Introdução

O sistema de pensamento psicanalítico surge no cenário das teorias de forma a corroborar com noções filosóficas que abordam a alma humana a partir da cisão. Por meio da teoria, seu fundador, Sigmund Freud, aborda de forma sistematizada o meio para conhecer, em sua gênese, os eventos psíquicos, correlacionando todos os fatores de maneira a explicar a dinâmica mental de um ser desejante.

A psicanálise é uma ciência que surge em berço privilegiado, banhado de conhecimentos emergentes e convergência de culturas e formas de pensamento. Observamos também a influencia de eventos tais como a guerra que agem de forma fundamental para a forma de compreensão do sistema psíquico.

É na formulação freudiana, em sua gênese, que podemos perceber as diversas influências e tentar classifica-la na ideia de matrizes do pensamento defendida por Luis Cláudio Figueiredo(1996). Nesta perspectiva, podemos compreender a psicanálise como sistema transcendente ao enquadramento ou aproximação clara de uma influencia ideológica específica.

O surgimento da psicologia

Antes de iniciarmos a discussão propriamente clara da psicanálise, é de extrema relevância compreender a forma de surgimento e estruturação da psicologia. Embora não seja tarefa de fácil conclusão, podemos remontar o surgimento do pensamento sobre a alma humana e suas vicissitudes de diversas formas.

A primeira delas se refere no remonte histórico da filosofia grega. Não podemos considerar os pensamentos gregos como psicologia propriamente dita, porém, é neste sistema de pensamento que encontramos as primeiras preocupações sobre a forma de pensamento humano e como se dá as relações entre corpo e alma. (BOCK,2009)

Iniciamos então resgatando o pensamento socrático sobre o psiquismo. Este filosofo é o primeiro a dar consistência na forma de pensamento sobre a alma humana ao tentar explicar a diferença entre homem e animal. A explicação dada

para tal distinção é que o ser humano é dotado de RAZÃO, fator que faz com que possamos ter controle sobre nossos instintos, diferente dos animais. Bock (2009,p.33) afirma que o pensamento socrático “[...] abre um caminho para a teorização sobre a consciência, naquele momento, no campo da filosofia.”

Seguindo na linha histórica, encontramos o pensamento de Platão(427-347 a.C.). o questionamento muda de foco, saindo da discussão socrática para a busca de um lugar no corpo onde a razão habita. Define assim, a cabeça como a morada da razão e a medula como a ligação entre o corpo e a mente (BOCK,2009, p.30).

Ressaltamos também o pensamento de Aristóteles (384-322 a.C.). Para este pensador, a mente e o corpo é indissociável. Todos os indivíduos possuem uma *psyché*, que é a força motriz do funcionamento do corpo. Sendo assim, a planta teria a alma vegetativa, responsável pela alimentação e reprodução; os animais ,além dessa, possui a alma sensitiva, responsável pela percepção e movimento e o ser humano, as duas primeiras e a alma racional, que tem a função de pensar.(BOCK,2009, p.35)

Saltando na história, discutiremos agora o pensamento sobre a alma humana no período do Renascimento. A ideia vigente antes do surgimento deste período histórico eram as explicações religiosas, vinculando o pensamento humano à vontade de Deus. No Renascimento, ou Renascença, o homem começa a adquirir certa mobilidade social por meio da ascensão do mercantilismo e formação do capitalismo. O ser humano é então desvinculado da sua posição primordial de centro do universo de diversas formas diferentes.

“[...] Em 1543, Copérnico causa uma revolução no conhecimento humano mostrando que o nosso planeta não é o centro do universo. Em 1610, Galileu estuda a queda dos corpos, realizando as primeiras experiências da física moderna. Esse avanço na produção de conhecimentos propicia o início da sistematização do conhecimento científico- começam a se estabelecer métodos e regras básicas para a construção do conhecimento científico.”(BOCK,2009,p.35)

Com as profundas mudanças no sistema econômico e social vigente, percebemos então que não é só o homem que é colocado em movimento. O universo é reformulado, o conhecimento torna-se independente da fé e a crença na ciência é a característica fundamental deste período.

Dentro deste paradigma de pensamento, a forma de discutir a individualidade e privacidade se torna de grande importância para estruturar uma sociedade em que se fazia necessário desconstruir a noção de sacro, destituindo o lugar do dogma para a construção de um ser livre e senhor de suas decisões. Sobre este período, cita-se que:

Nesse contexto, o recurso às experiências subjetivas individualizadas e de caráter privativo passou a ser tanto uma possibilidade como uma exigência na tarefa de reconstruir crenças e regras de ação, valores e critérios de decisão seguros e confiáveis, já que os dispositivos da tradição não se mostravam mais aptos à manutenção e à legitimação das existências individuais e coletivas.(FIGUEIREDO,1995,p.35)

Neste contexto cientificista é que surgem os primeiros estudos sobre a psicologia, totalmente vinculados ao estudo da neuroanatomia e neurofisiologia. Nomes como Fechner (1801-1887), Wundt (1832-1926), entre outros enquadram-se nesta linha de pensamento, inaugurando a psicologia experimental.

Outra forma de compreendermos o surgimento da psicologia está vinculada ao surgimento da experiência da subjetividade. O surgimento do capitalismo traz a tona a noção de um sujeito livre e capaz de vender a sua força de trabalho. O corpo é desvinculado do sagrado e os estudos sobre o funcionamento e suas formas de manifestação são permitidos.

Outro aspecto importante para a compreensão do surgimento do pensamento sobre a subjetividade é a existência da fronteira entre o pessoal e o privado. A concepção da existência do outro e do meu corpo passa a ser relativizada e a construção do pensamento científico passa a ser vinculada a este ser que pensa e

age como consumidor único e produtor individual. Sobre esta forma de compreensão do mundo, afirma-se:

Todo o movimento de duvidar traz a evidência de que, ao menos enquanto ser que pensa (e duvida), eu existo. Esta é minha única certeza: eu ainda não sei se os outros existem e mesmo se meu próprio corpo existe. A evidência primeira é a de um 'eu' e ele será a partir de agora o fundamento de todo conhecimento.(BOCK,2009,p.40)

É na vivência de um ser que duvida e que necessita compreender estas forma de subjetivação que é gestada e surge a psicologia.

As matrizes de pensamento

A história da psicologia, como percebemos anteriormente, é permeada por diversas correntes de pensamento filosófico e de múltiplas concepções de ciência e de construção do pensamento. Por este motivo, podemos compreender que o espaço do conhecimento psicológico é de dispersão, assim como afirma Figueiredo(1995).

Podemos recorrer também a noção de que as correntes teóricas dentro do campo da psicologia surgem de forma a romper com um sistema de pensamento estabelecido anteriormente. Sendo assim, a *episteme* do conhecimento psicológico se fundamenta em constantes reformulações sobre o pensamento anterior. Percebemos que:

O espírito científico é essencialmente uma retificação do saber, um alargamento dos quadros do conhecimento. Julga o seu passado condenando-o. a sua estrutura é a consciência dos seus erros históricos. Cientificamente, pensa-se o verdadeiro como retificação histórica de um longo erro, pensa-se a experiência como retificação da ilusão comum e primeira.(LIMA e MARINELLI,2011,p.398)

Constitui-se assim a noção bachelardiana de que a formação do conhecimento não é estática e imóvel, mas sim dinâmica, apresentando diversas rupturas e constante reconstrução. Refletindo sobre o assunto, Lima e Marinelli(2011, p. 397) situam a epistemologia de Bachelard como antagônica à compreensão imobilista do pensamento, mostrando que as filosofias do imobilismo e continuidade não dão conta das novas formas de conhecimento.

Buscando compreender as formas de surgimento das teorias psicológicas e classificar estes modos de compreensão da subjetivação, Luis Claudio Figueiredo nos apresenta no ano de 1996 a ideia de matriz do pensamento. Compreende-se então que o pensamento psicológico “[...] não se trata de um território uno e integrado, embora também não sejam ilhas totalmente avulsas e desconectadas.”(FIGUEIREDO,1995,p.17). As psicologias são então resultados de diversas evoluções de pensamento, em que uma está desvinculada da outra ao passo que apresenta algum aspecto filosófico semelhante.

A primeira matriz abordada pelo autor é a “Cientificista”. Nesta se enquadram aquelas ideias que se orientam pela concepção de homem por meio dos paradigmas das ciências naturais. São definidas as matrizes científicas da seguinte maneira;

Apenas recordarei que lá denomino a todas as matrizes a partir das quais a psicologia (de acordo, naturalmente, com os modelos de ciência natural disponíveis no século XIX); todas pressupõem a crença numa ordem natural e diferem apenas na forma de considerarem esta ordem; as psicologias geradas por estas matrizes seriam construídas como anexos ou segundo os modelos de outras ciências da natureza, como, por exemplo, a biologia(FIGUEIREDO,1995,p.24)

A segunda matriz apresentada é a matriz romântica. Não associada à ideia de romantismo erótico, a matriz ideológica surge inspirada no racionalismo iluminista. Diferente das matrizes científicas que buscava prever e controlar o comportamento, a romântica busca compreender o comportamento com a finalidade

de gerar conhecimento apto à apreensão das formas de como o sujeito se expressa. Define-se então como:

Para eles o objeto da psicologia não são eventos naturais, mas são formas expressivas, ou seja, as ações, produtos e obras de uma subjetividade singular que através deles se dá a conhecer.(FIGUEIREDO, 1995,p.25)

Seguindo na apresentação das matrizes, somos levados às teorias de matriz pós-romântica. Nesta linha de pensamento, encontramos o resgate do pensamento romântico, mas com a ressalva de que a experiência nem sempre é reconhecida facilmente e que a sua apreensão não está claramente definida, sendo conhecida de forma imediata. Sendo assim:

Para estas matrizes o sentido dos atos, dos produtos e das obras não coincide com as vivências que lhes correspondem, supõe-se que por trás dos sentidos haja outros sentidos e por trás destes haja processos e mecanismos geradores de sentido e que nada disso se dê espontaneamente à nossa consciência. (FIGUEIREDO, 1995, p.25)

Dentro da explicação das matrizes podemos perceber que nenhuma das teorias psicológicas encontram-se puramente fixadas em uma delas, mas sim próxima a uma ou outra. O hibridismo dentro das teorias se dão por influencias epistemológicas que contribuem para o paradoxo da divergência e convergência das teorias dentro do campo da *psyqué*.

A construção histórica da psicanálise

Entre o fim do século XIX e começo do século XX, surge no cenário mundial a teoria psicanalista. Com caráter polêmico e apresentando a convergência de diversas ideias europeias dos séculos XVIII,XIX e XX, a psicanálise caminha como um pensamento para além do seu tempo. Não podemos desvincular o desenvolvimento da psicanálise do caminho formativo de seu criador sem correr o risco de recorrer em erros e significativas incompreensões. Na figura de Sigmund

Freud(1856-1939) encontramos as influências epistemológicas que formam o pensamento psicanalítico e a personalidade que enfrenta de forma eloquente o surgimento do novo pensamento.

De origem judaica, Sigmund Freud enfrenta dificuldades na sua formação por causa do antissemitismo velado na sociedade vienense. Embora esta dificuldade primária, tem uma boa formação básica, que possibilita um bom desenvolvimento dos rumos que a psicanálise deveria tomar futuramente. É nesta fase também que encontramos a formação humanística de Freud, estudando história e mitologia além de diversos idiomas e literatura clássica. (LOUREIRO,2013)

Notamos também que a formação da psicanálise é transpassada pela rica formação artística vivenciada por Sigmund. Na sua vida pessoal também encontramos a rica ligação com a antiguidade por meio da coleção de objetos antigos mantida por Freud.

Em 1873, inicia seus estudos em medicina, onde é iniciado na cultura experimental e positivista da época. Após sua formação, caminha para o estudo da anatomia cerebral e psiquiatria. No ano de 1876, inicia estágio na clínica de Ernest Bruck (1819-1892). Encaminhando-se para a clínica de moléstias nervosas e fortemente interessado pela histeria encontra-se com Charcot(1825-1893), onde entra em contato com a prática da hipnose, experienciando uma prática que colocava em foco o aspecto psicológico das patologias. Sobre este momento, Loureiro(2013) diz:

[...] A temporada com Charcot consolida, para Freud, o caminho para uma prática clínica com as psiconeuroses- uma medicina da alma- , inicialmente lançando mão da hipnose, mas gradativamente criando seus próprios métodos para a condução dos tratamentos.(JACÓ-VILELA,FERREIRA e PORTUGAL,2013,p.427)

Avançando na história, partimos para o abandono de Freud da hipnose e o início do emprego do método da Associação Livre. Dentro deste conceito, percebemos a formação de um sujeito falante e dotado de total capacidade

comunicativa, onde os seus desejos e pensamentos são expressos por meio das palavras. Porém, não é no pensamento consciente que encontramos a real localização dos desejos e pensamentos primevos do homem, pelo contrário, é na cisão, na fantasia da castração, na separação do sujeito com o seu objeto ideal, que surge a emergência de um psiquismo que compreende o mundo e pensa onde não é pensado e interpreta onde não podemos interpretar sem devido esforço psicanalítico.

Podemos intitular também, como aspecto revolucionário da teoria freudiana, a relevância da sexualidade na vida psíquica do sujeito. Sendo assim, o ser é pensado como desejante e portador de impulsos que o conduzem de forma a alcançar a satisfação por meio da diminuição das tensões por diversos meios. Sendo assim:

A psicanálise efetua uma verdadeira ruptura naquilo mesmo que até então se considerava sexualidade, alvo de vários discursos normativos, como o da sexologia e o da criminologia. Ao contrário destes, que priorizavam a explicação dos desvios sexuais com base em teoria da hereditariedade e da degenerescência, a concepção psicanalítica da sexualidade embaralha as fronteiras normal/patológico, bem como prescindem da categoria instinto sexual (impulso pré-formado, comum à espécie como um todo, dotado de objeto e finalidades fixos). (JACÓ-VILELA, FERREIRA e PORTUGAL, 2013, p.431)

A teoria se desenvolve sistematizando-se em torno dos conceitos de inconsciente, pulsão, narcisismo, dentre outros, fundamentando o saber metapsicológico que colaboram para a construção de uma forma de compreender o psiquismo humano nas gerações seguintes. Embora seja uma teoria que foca na compreensão do dinamismo psíquico focando no indivíduo e suas relações com o mundo, não podemos negar que a psicanálise apresenta hibridismo incontestável em suas bases filosóficas. A presença inicial e constante das teorias influenciadas pela fisiologia e anatomia se alia de forma coesa e com grande coerência na

concepção de um ser humano dotado de singularidades e que segue em diversos aspectos em contato com seus desejos.

O homem psicanalítico é cindido, é colocado como desejante, dotado de vontade, mas que não é senhor de suas escolhas. O constante paradoxo existencial do ser dentro da psicanálise se faz por consequência das ricas bases epistemológicas apresentadas no surgimento da teoria.

A psicanálise e as matrizes de pensamento

A corrente freudiana de pensamento se coloca, assim como Figueiredo(2003) intitula, como um enclave; algo que não está adaptada de forma plena a determinado paradigma estabelecido. O aparente hibridismo, como citado, da teoria possibilita sua flexibilidade dentro dos conceitos de matriz do pensamento. A compreensão psicanalítica enquadra-se então na disposição de intransigente ao conceito aplicado na compreensão das matrizes.

Somos apresentados a um novo modelo de subjetivação do sujeito onde a modernidade está compreendida por caminhos que permeiam os desejos e o ódio de muitos. Coloca-se então a formação da metapsicologia freudiana como uma posição de enfrentamento às subjetivações e modos de simbolização dos sujeitos modernos.

Para afirmar o ponto cientificista da psicanálise, podemos recorrer ao conceito de libido, tal qual é apresentado por Freud, como energia psíquica, quantificável porém ainda sem meios para a sua medição(Freud,1922). Compreendemos então que a definição deste termo liga-se com a concepção fisiológica do funcionamento do psiquismo.

Podemos colocar na visão de homem a posição do psicanalista de escuta relativamente passiva quanto às manifestações do sujeito. Dentro da prática, percebemos a colocação da vazão dos sentimentos do paciente, direcionados ao analista, de forma a apresentar o que pensa e o que sente. A postura analítica, neste caso, aproxima-se da matriz romântica, por se fazer quadro para a compreensão do comportamento e sentir do ser.

Por fim, colocamos na matriz pós-romântica, a compreensão estrutural do psiquismo em ID,EGO e SUPEREGO. Estas noções topográficas do psiquismo nos situam enquanto seres que agem, porém não conscientes de todas as estruturas e processos envolvidos no caso. Sendo assim, não podemos desprender a psicanálise dos processos de subjetivação pós-românticos.

Considerações finais

Percebemos que a teoria criada por Sigmund Freud se coloca como impasse na compreensão das matrizes, transcendendo as classificações topográficas da teoria e se estabelecendo como forma de subjetivação moderna. Estar presente nas diversas formas de compreensão do sujeito, mesmo que algumas sejam opostas, nos demonstra o hibridismo da formação filosófica e epistemológica da teoria. Sua fundamentação corrobora com a compreensão do sujeito no empasse pós-moderno e se coloca na disposição de explicar os fenômenos psíquicos de diversas formas diferentes.

Rememorando a posição de Luis Cláudio Figueiredo(2003), podemos compreender a psicanálise como o enclave que não se encaixa na posição moderna de subjetivação, ao passo que se enquadra na epistem da *psyqué* moderna. Esse paradoxo faz-nos refletir sobre a colocação do sujeito psicanalítico na vivencia de mundo e nos situa como seres desejantes e dotados de pensamentos e sentimentos que estão relacionados a origens histórico-culturais que permeiam nosso modo de viver.

Referências Bibliográficas

BOCK, Ana MercêsBahia, FURTADO, Odair, TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. Bacabal, São Paulo, 2015.

FIGUEIREDO, Luis Cláudio. **Para além das matrizes: a psicanálise como enclave da modernidade**. Revista de psicologia, v.21,1,p.103-110, Fortaleza, jan.-dez. 2003.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. In- Edição Standard Brasileira. São Paulo, 2000.

JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur Arruda L., PORTUGAL, Francisco Teixeira. **História da psicologia: Rumos e percursos**. Nau, 3° ed. Rio de Janeiro, 2005.

JAPIASSU, Hilton Ferreira. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Francisco Alves, 6° ed, Rio de Janeiro, 1934.

LIMA, Marcos A.m., MARINELLI, Marcos. **A epistemologia de Gaston Bachelard: uma ruptura com as filosofia do imobilismo**. Revista de ciências humans, v.45,2, p.393-406, Florianópolis, out. 2011.